



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

JORGE HENRIQUE BACKES

(depoimento)

2009

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-165

Entrevistado: Jorge Henrique Backes

Nascimento: 29/12/1960

Local da entrevista: Residência do entrevistado – Porto Alegre/RS

Entrevistadores: Miguel Backes

Data da entrevista: 28/10/2009

Transcrição: Marcelo Rossi

Conferência Fidelidade: Miguel Backes e Marcelo Rossi

Copidesque: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Pesquisa: Miguel Backes

Total de gravação: 31 minutos

Páginas Digitadas: 10

Observações: Entrevista realizada como atividade da disciplina “História da Educação Física” oferecida no segundo semestre de 2009 para o curso de Licenciatura em Educação Física da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

BACKES, Jorge Henrique. *Jorge Backes (depoimento, 2009)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2010.

Sumário

O xadrez como futuro esporte olímpico; o doping no xadrez; a influência do computador no xadrez; as competições; o xadrez na educação física; o sistema de ranqueamento no xadrez; grandes enxadristas.

Porto Alegre, 29 de outubro de 2009. Entrevista com Jorge Backes, a cargo dos entrevistadores Miguel Backes e Marcelo Rossi para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.B. – Boa noite Jorge, obrigado por nos receber. Qual a sua formação acadêmica?

J.B. – Boa noite, a minha formação acadêmica é economia e estudei na UFRGS¹.

M.B. - Com quantos anos tu aprendeste a jogar xadrez?

J.B. – Aprendi a jogar com 12 anos.

M.B. - Quem te ensinou?

J.B. – Aprendi junto com meus irmãos. Minhas duas irmãs mais velhas tinham uma professora de inglês que ensinou elas. Elas tinham aula lá na Rua Barão do Amazonas² e jogavam com regras erradas. Eu fui aprender melhor depois.

M.B. - Por que surgiu esse interesse?

J.B. - Eu nem sei dizer. As meninas trouxeram o jogo, eu gostei, achei bacana, e comecei a jogar. Depois tinha um tio chileno que veio aqui e me ensinou a jogar melhor. Outras pessoas foram contribuindo para que eu gostasse mais e acho que é um jogo que foi surgindo interesse na relação com as pessoas.

M.B. – E, hoje em dia, quantas horas por dia tu costuma jogar?

J.B. - Jogar é um termo meio vago, porque o xadrez é um jogo de muito estudo. Agora com a internet passei a ser um jogador mesmo, jogo bastante. Eu jogo uma hora por dia. Jogo e estudo. O xadrez exige que se estude os lances iniciais, o meio do jogo e o final. A grosso

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Rua de Porto Alegre.

modo, são essas três fases. Normalmente, o enxadrista tem muitos livros, tem biblioteca. Hoje em dia, tem muito o uso do computador também.

M.B. – Onde tu costumava jogar e quem são os adversários?

J.B. – Agora, eu também estou jogando com um cara que já foi campeão gaúcho. Ele vem aqui em casa, é mais ou menos uma aula, mas, no fim, acabamos mais é jogando. Eu jogo com ele uma vez por semana, uma ou duas horas, e jogo quase todo dia na internet. As partidas de xadrez na internet são muito rápidas, demoram de 5 a 10 minutos em média. Pode demorar um pouquinho mais, no máximo 15 minutos que ainda é considerada no xadrez partida rápida.

M.B. – Na atualidade, quem é o melhor jogador brasileiro de xadrez?

J.B. – No Brasil, não acompanhamos muito, mas nós temos vários jogadores bons. Tem um rapaz, o Alexandre Fier³, que é um dos que mais está se dedicando agora. Tem um cara que é mais coroa, o Milos⁴, que parece que começou a jogar com mais frequência. Tem o Rafael Leitão⁵ que é muito bom jogador, e tem o Giovanni Vescovi⁶, que era o melhor do Brasil, mas parece que ele anda meio abandonando o xadrez nessa dedicação toda.

M.B. – Quem foi o melhor jogador de xadrez de todos os tempos, o que mais te inspirou?

J.B. – Estamos no 14º ou 15º campeão mundial de xadrez. O começo foi lá em mil oitocentos e pouco com Steinitz⁷. Eu simpatizo mais é com o Mikhail Tal⁸, mas, na verdade, é só um pouco mais, porque eu gosto de todos. É difícil. Eu não tenho implicância com nenhum. Eu gosto de todos.

³ 1º colocado no ranking brasileiro de xadrez.

⁴ Gilberto Milos Júnior - Grande Mestre e hexacampeão brasileiro.

⁵ Melhor jogador brasileiro em 2007. Único brasileiro tricampeão mundial: sub-8, sub-12 (compartido) e sub-18.

⁶ Tricampeão brasileiro de xadrez (1999, 2000 e 2001).

⁷ Nascido em 1836, Steinitz foi campeão mundial entre os anos de 1886 e 1894.

⁸ Mikhail Nekhemievich Tal – Foi um enxadrista soviético conhecido pelo seu estilo agressivo de jogo e o oitavo campeão do Mundo de Xadrez.

M.B. – Tu costumavas disputar competições de xadrez?

J.B. – Olha, competição é uma coisa cansativa. O xadrez, às vezes, até não é classificado como esporte. Os enxadristas consideram tranquilamente que se trata de um esporte, mas não existem muitas competições. Na verdade, no estado, existe um pouco. Eu não jogo muito porque toma muito tempo. Tu tem que passar o fim de semana envolvido. Tu joga de noite e as partidas de xadrez de competição são bem exigentes e demandam muito tempo.

M.B. – Como foi a experiência de jogar xadrez por correspondência?

J.B. – É uma modalidade bem estranha, as pessoas acham até meio risível e é mesmo meio engraçado, porque uma partida demora um ano e meio, uma fase inteira. Eu joguei bastante xadrez por correspondência no tempo em que o computador não era uma ferramenta muito forte. Eu joguei a Taça do Brasil que é como no futebol, tem o campeonato brasileiro e tem a copa do Brasil. Ele é parecido com a copa do Brasil que é um mata-mata. Eu joguei a Taça do Brasil e foi o melhor resultado que eu tive em um torneio de xadrez por correspondência. Eu gostava muito de jogar. Quando chegavam as cartas, eu já pensava: “Será que o cara vai jogar aquilo que eu to pensando”, e, às vezes, tu passas três dias analisando uma posição, descobrindo lances. Eu sou meio lento e sempre gostei de xadrez por correspondência. Acho que me dei muito bem no xadrez por correspondência, achava bacana. As pessoas costumam achar bem divertido quando eu conto quanto tempo demora. Demora um ano e meio uma partida, mas tu jogas contra quinze adversários, de oito a quinze ao mesmo tempo. Então, depois de um ano e meio, acaba todo aquele grupo. Um torneio que tem três fases demora quatro anos e meio. Mais ou menos isso que eu demorei jogando.

M.B. – Em que colocação tu ficou na Taça do Brasil?

J.B. – Eu fiquei em segundo lugar.

M.B. – O que você acha da tentativa de inclusão do xadrez nas olimpíadas?

J.B. – O pessoal do xadrez acha bem importante. Tem um evento mundial que é a olimpíada de xadrez que é organizada pela federação de xadrez. É um evento super importante, muita gente joga, é fenomenal. O pessoal tem muito interesse que o xadrez participe. Ainda existe alguma restrição. Parece que o xadrez é considerado um jogo de salão por quem não conhece, mas, quem joga xadrez, não tem dúvida de que se trata de um esporte. A competição de uma pessoa contra a outra, o estudo, os grandes campeões. Quase todos hoje se preparam fisicamente, fazem algum outro esporte para ter uma condição física melhor. Participar da olimpíada seria um avanço para o xadrez.

M.B. – Tu se achas um enxadrista competitivo? Tu achas que o teu nível de xadrez é alto? Como tu o classificas?

J.B. – O xadrez, na competição, eu tenho ultimamente estudado bastante e evoluído muito, mas eu não tenho assim o interesse, até não compito muito, e não tenho esse interesse, essa coisa competitiva de estar ganhando do adversário. Não sei se é bem essa tua pergunta, porque eu não tenho essa gana de destruir o adversário que muitas vezes outros têm.

M.B. – No xadrez tem o “rating” para classificar o nível dos jogadores...

J.B. – Tem o sistema de “rating” que é utilizado para medir a força dos jogadores. Acho que em alguns outros esportes, por exemplo, no tênis tem aquela pontuação, - o tênis eu acompanho um pouco - que mede quantos pontos fez no ano. No xadrez também. Pela quantidade de partidas é medido a força e tem outra classificação: o cara que joga muito bem vai adquirindo pontuações que permitem que ele faça normas e ele tem três posses fundamentalmente no xadrez que são: grande mestre, que são os caras que chegaram ao máximo, mestre e tem o mestre fide que é um pouquinho abaixo.

M.B. – Tu costumava jogar pela internet?

J.B. – Eu costumo, e, no clube de xadrez, tem um sistema de força que é parecido com esse “rating” da federação. No clube, são quinze mil sócios. É o maior clube de xadrez pela internet. Eu estou colocado entre mil e quinhentos, mil e trezentos.

M.B.– Fala um pouco mais sobre o clube de xadrez esse que tem na internet. Tu jogas contra quem especificamente? Quem são essas pessoas que estão no clube?

J.B. – Esse clube se chama ICC⁹ e tem quinze mil sócios, tem pessoas não sócias que podem também ir lá e jogar eventualmente. Eu jogo com pessoas do mundo todo e, de vez em quando, eu olho, pelo nome com quem eu joguei, a nacionalidade. Já joguei com gente do Egito, da Rússia, da Europa. Na Europa fria, aquela na época do inverno, o pessoal não tem muita atividade e joga bastante xadrez. Os russos jogam muito xadrez. Na Espanha o pessoal gosta muito do xadrez também, mas é gente de todo mundo. De vez em quando, nos surpreendemos com países estranhos jogando lá no clube, mas tem gente que conversa bastante lá. Eu não sou muito social na internet. Eu tenho 48 anos e não sou dessa geração que utiliza a internet para conversa. Eu utilizo mais para jogar. Eventualmente, depois da partida, trocamos alguma gentileza, agradecemos o adversário pela partida e tal, mas não mais que isso.

M.B. – Tu falaste que está entre os mil e quinhentos classificados do clube. Como o clube te ‘rankeia’ na internet? Pelo número de partidas que tu ganhaste?

J.B. – No clube funciona a cada partida. Se tu jogas com um adversário de força igual, se der empate, fica igual, mas, se tu ganhas, aumenta alguns pontos.

M.B. - E como é determinada essa força do adversário?

J.B. – Essa força tu começa com um ‘rating’ médio e tu vai jogando. Conforme teu desempenho com os adversários, tu vai crescendo ou perdendo. É assim que funciona. O cara mais alto no clube tem um número lá: três mil e trezentos. Eu tenho o número dois mil e trezentos e os caras mais fracos no clube tem lá mil, mil e trezentos.

M.B. – Existe doping no xadrez?

J.B. – No xadrez, na internet, não é o caso. Agora, vamos mudar para o xadrez mais profissional que é esse pessoal que joga torneio oficial. Começou a Federação

Internacional de Xadrez que tem um nome Frances. A sigla Francesa é FIDE¹⁰. Ela começou a fazer uns controles antidopings. Hoje, tem muitas drogas para desempenho esportivo. No xadrez também começou algumas drogas que melhorariam o desempenho do jogador e começaram a fazer... Inclusive, parece que não pode tomar mais de dois cafezinhos que já é considerado dopping, porque seria um estimulante. Mas isso ainda é uma fase de experimentação e tem muita gente que acha que não tem beneficio nenhum porque, às vezes, uma droga melhora a tua habilidade de calcular, mas ela pode te tirar outras habilidades que são importantes no xadrez. Não é somente calcular a sequência de jogadas que vai no futuro. Tem outras questões da avaliação da partida, da intuição, que são importantes, que o jogador, às vezes, pode perder se ele tiver um pouco alterado.

M.B. – Tu achas que o raciocínio lógico do xadrez ajuda em outras atividades?

J.B. – Isso é uma questão bem discutida. Eu acho que o xadrez ajuda como qualquer estudo que a pessoa faça em qualquer área humana ajuda para outras áreas. Na vida, por experiência, eu vejo que, quando tu estudas um determinado assunto, o fato de tu estares estudando, vai te ajudar para outra coisa, mesmo de atividade bem diferente. Então, se tu gostas de estudar xadrez e estuda xadrez, aquilo, com certeza, vai te ajudar para outra coisa. Agora, o xadrez em si, como desenvolve, não é assim bem seguro, não tem nenhuma matemática disso dizendo que vai te desenvolver. Eu acho que é como qualquer atividade que tu estuda. Tudo que tu estudares com gosto vai ter resultado, inclusive, em outras áreas bem diferentes.

M.B. – Tu falaste que estuda xadrez. É com livros? Tu tens livros?

J.B. – Quando comecei a jogar um pouco mais seriamente - aprendi com doze - lá por dezessete aos vinte, estudei bastante e li os livros de xadrez. Eu tinha uma biblioteca de uns trinta livros e li esses livros. Não todos. Alguns eu li inteiros, outros, com o xadrez, vamos consultando e olhando as partes que são interessantes. E o xadrez tem outra coisa

⁹ É o maior clube de xadrez virtual do mundo.

¹⁰ Em francês: Fédération Internationale des Échecs ou, em inglês, World Chess Federation. Foi fundada em 20 de Julho de 1924, Paris. A FIDE é reconhecida pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) como a responsável pela organização do Xadrez e dos campeonatos internacionais em níveis continentais.

interessante: um dia escutei que o xadrez é o maior mercado editorial esportivo. Existe mais livros de xadrez de que todos os outros esportes juntos. Eu não sei se é bem verdadeiro isso, mas, que existe muito livro de xadrez, existe. Depois, quando eu me mudei de porto alegre durante um tempo, doe meus livros lá para o clube de xadrez que tinha em Porto Alegre. Fiquei somente com alguns livros porque eu me mudei para longe, para Macapá¹¹ e não levei todos. Eram muito difíceis e eu resolvi doar. Isso faz quinze anos. Agora comprei e renovei um pouco os livros e já tenho uma biblioteca. Não tenho interesse em aumentá-la. Só um que outro livro. Tenho uns quarenta livros de novo, que eu, infelizmente, não vou ler esses tanto quanto eu li aqueles que tinha antes.

M.B. – Tu já ensinaste Xadrez?

J.B. – Eu ensinei xadrez para algumas pessoas mais próximas e tentei iniciar algumas oficinas lá no Julinho¹². Ainda não consegui muito isso porque é uma atividade e acho que até deveria ser feita junto com os professores de educação física. Porque, se tu fazes no horário da aula das crianças, pode dispersar. Até pensei em fazer um clube lá, mas pensei que iria dispersar muito os alunos das atividades normais da escola. Mas o xadrez, em geral, tem sido considerado – “em geral”, na verdade, não é bem o termo -, mas tem sido considerado em muitos locais como um elemento interessante para o estudo, para a concentração dos alunos e tem ajudado acho que a integração e outras atividades de ensino tem tido alguns benefícios. Em alguns estados, Santa Catarina, por exemplo, tem se inserido no currículo escolar. Eu tenho vários amigos que eu jogava aqui quando era bem jovem que são professores lá em Santa Catarina. Até em um torneio que eu joguei na festa da uva ano passado, encontrei dois desses companheiros de xadrez de quando eu era bem jovem dando aula lá. Aqui no estado tem alguns municípios que fazem isso, mas não é muito generalizada essa utilização do xadrez nas escolas. Algumas escolas particulares também têm. O rapaz aqui que foi campeão gaúcho e que vem aqui jogar comigo, que é o Eduardo Munoa¹³, também dá aula em escolas particulares. Eu não tenho muito tempo, mas, quem sabe, eu ainda vá dar aula.

M.B. – Tu fizeste muitas amizades jogando xadrez?

¹¹ Capital do Amapá.

¹² Colégio Estadual Júlio de Castilhos

J.B. – Levando em conta as minhas poucas participações em torneios, até que fiz muitas amizades. No meu trabalho lá, eu sou funcionário público. Trabalho num prédio grande de treze andares. Quando eu voltei para Porto Alegre, no prédio já tinham duas pessoas que eu conhecia do xadrez, as quais eu convivo e converso. Esses dias foi engraçado. Eu estava no Hospital Mãe de Deus para fazer uma consulta e, pela segunda vez, encontrei um médico que joga xadrez. O pessoal forma até uma comunidade. Como é um esporte que não tem muitos adeptos, acabamos conhecendo as pessoas e fazendo amizades sim.

M.B. – Tu achas que o computador está ajudando a desenvolver o xadrez? Existem máquinas que jogam contra grandes mestres. Até se fala que, daqui a pouco, vai ser impossível um grande mestre ganhar de um computador...

J.B. – O uso do computador no xadrez tem sido uma questão polêmica, mas o xadrez parece que não se esgotou ainda. O jogo de damas, o computador já fez o cálculo de todas as possibilidades, já mapeou o tabuleiro e isso é interessante. O jogo de damas, apesar de toda uma piada, - as pessoas jogam dama e tem prazer em jogar dama -, apesar de mapeado, não tem como decorar tudo aquilo, por isso as pessoas continuam jogando. O melhor jogador de dama, por sinal um cara muito talentoso - eu li a história, não faz muito tempo -, ele empatava com o computador jogando toda a sequência mapeada. No xadrez acontece um pouco isso também. O computador ajuda a estudar, ajuda bastante a estudar. Ele é um professor porque, depois que tu jogas uma partida, tu pode olhar e reproduzir essa partida no computador. Com o auxílio do computador, tu verificas onde tu jogaste pior. O computador, mesmo que ele não tenha e não dê palavra definitiva sobre a posição, ajuda bastante a entender o que está acontecendo em uma partida e em uma determinada posição. Em relação ao computador, pela força que ele tem, daqui a pouco, vai ser difícil de um grande mestre ganhar de um computador. Hoje em dia já é difícil, mas, daqui a pouco, vai ficar impossível ganhar do computador. Todavia, ainda vai demorar bastante tempo para um computador ganhar sempre de um grande mestre. O fato de ele ser tão forte faz com que seja possível a fraude, que é uma questão bem discutida. Alguém pode utilizar um computador escondido e pegar os lances de alguma maneira por um meio qualquer e ter um resultado no xadrez. Pessoas do xadrez andam se protegendo e estudando como evitar esse tipo de fraude.

¹³ Bicampeão Gaúcho Absoluto e Tetra Vice Campeão Gaúcho Absoluto.

M.B. – Como é que funciona o xadrez às cegas? Que é sem olhar...

J.B. – O xadrez às cegas é igual ao xadrez por correspondência. Um negócio meio engraçado. O pessoal acha divertido. Quem estuda muito, consegue jogar sem olhar para o tabuleiro, e isso é comum. Não vou dizer que todo mundo que estude consiga, mas, a maioria, consegue, porque, quem joga muito, sempre faz cálculos. Quando tu olhas para o tabuleiro, tu imaginas os lances na frente. Os lances na frente não são a posição que tu está olhando, é uma posição que tu imagina. É uma questão de treino a pessoa conseguir jogar sem olhar para o tabuleiro. No xadrez, como eu já comentei, se anota as partidas, tem uma linguagem que nem batalha naval, tu diz onde está a peça e diz para qual casa ela foi e depois tu podes reproduzir toda a partida. No xadrez às cegas, a pessoa te diz aquele lance com as coordenadas do tabuleiro e é possível tu jogar tranquilamente. Tem até o recorde mundial, que agora eu já não sei qual é, mas acho que é mais de trinta tabuleiros, talvez uns cinquenta. Eu me lembro de um cara que jogou contra vinte e nove ou trinta, mas, hoje em dia, acho que já é mais. Isso ao mesmo tempo e sem olhar para o tabuleiro. Jogou contra trinta pessoas uma simultânea, que é quando se joga contra várias pessoas ao mesmo tempo. Normalmente os mestres jogam de oito e também tem simultâneas que o cara joga contra cem pessoas, duzentas pessoas, acho que até mais.

M.B. – Mas olhando para o tabuleiro...

J.B. – Aí olhando, mas tem as simultâneas às cegas. Era isso que eu estava comentando, simultânea às cegas que o recorde o cara consegue jogar umas quarenta partidas, mais ou menos, ao mesmo tempo.

M.B. – Muito obrigado pela entrevista, foi um prazer entrevistá-lo e boa sorte no xadrez.

J.B. - Obrigado também por ouvir. O xadrez é uma coisa apaixonante e que eu gosto muito de fazer. Espero que seja até um esporte olímpico uma hora dessas. Espero também que o pessoal da educação física, os professores de educação física, até isso lá no Julinho quando eu pensei em dar aula lá, eu acho que poderiam aprender o xadrez também para atividades, às vezes, na sala de aula quando chove, quando tem outros problemas, e até para organização da escola. É uma atividade bem interessante e não é nada difícil. Em poucas

aulas, qualquer pessoa aprende a jogar. O bacana do xadrez é que aprendemos a jogar bem rápido. Em umas cinco ou dez aulas o cara já está jogando bem e depois é a vida inteira aprendendo porque sempre vai se aprendendo uma coisa aqui outra ali. Isso é uma das coisas que mais me atrai no xadrez: essa possibilidade de estar sempre aprendendo. Não é uma coisa fácil, mas, ao mesmo tempo, é fácil jogar. Jogar bem exige uma dedicação e estudar bastante e praticar. Para mim, é sempre um prazer falar sobre o xadrez. Obrigado também por dar essa oportunidade para eu falar sobre xadrez que é uma coisa que eu gosto muito de fazer.

[FINAL DO DEPOIMENTO]